

OS DESAFIOS DA RELAÇÃO TERAPEUTA-CLIENTE: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO

Denise Assis Fleury Curado

Profa Mestra Ivana Oriente (Orientadora)

Pontifícia Universidade Católica de Goiás- PUC/GO

denise.curado@gmail.com

Fenomenologia e Clínica

RESUMO

Este trabalho procurou evidenciar os desafios da relação terapêutica na proposta da Gestalt-Terapia. Para tanto, buscou-se sustentação no método fenomenológico e na filosofia dialógica de Buber que fundamentam a Gestalt-terapia. Buscou-se, sobretudo, compreender a complexidade da relação entre cliente e terapeuta que, além da teoria e da técnica, visa também incorporar qualidades relacionais necessárias para que ocorra uma relação genuína, fundamental no processo. Foi utilizado um caso clínico de um cliente do sexo masculino com 57 anos de idade. Realizaram-se ao todo 25 sessões. Ao final, evidenciou-se as possibilidades desta proposta, apontando para os desafios em aliar teoria e prática numa postura dialógica e no método fenomenológico.

Palavras chaves: Relação terapêutica, Gestalt-Terapia, Método fenomenológico, Filosofia dialógica.

Segundo Ribeiro (1998), fazemos parte do grande movimento artístico-científico-filosófico, acentuado entre o séc. XIX e XX visando, neste dado período, a contestação do pensamento mecanicista. O movimento denominado por Ribeiro (1998) de fenomenológico se constituiu como uma terceira força e sua sistematização, de acordo com ele, iniciou-se com a fundação da fenomenologia, pelo matemático-filósofo Edmund Husserl. Este novo paradigma se espalhou pelo mundo todo, atingindo todos os ramos do conhecimento. Em seguida, o autor nos aponta que “não levar a sério, portanto, o óbvio dessa influência e dessa filiação é perigosamente brincar de avestruz” (RIBEIRO, 1998, pg. 26).

Eric From e Vicente Miller (PERLS e HEFFERLINE e GOODMAN, 1997), relembram que o pensamento ocidental se desdobrou e se manteve em suas bases, como dualista, estabelecendo uma divisão entre o sujeito, a mente conhecedora e o objeto, isto é, aquilo que é conhecido. A compreensão do sujeito na sua totalidade é recente e a fenomenologia surge enquanto um método alternativo, numa tentativa de restaurar a unidade entre sujeito e objeto. Dessa forma, “a Gestalt-terapia é fenomenologia aplicada (PERLS e HEFFERLINE e GOODMAN, 1997, pg. 28.)”.

Merleau-Ponty (1999), em seu livro “fenomenologia da percepção”, logo no seu prefácio, esclarece a grande contribuição de Husserl e retoma a incompreensão, após meio século de sua fundação, do aparente caráter contraditório nas obras deste autor. Para ele, “o leitor apressado renunciará a circunscrever uma doutrina que falou de tudo e perguntar-se-á [...] se não se trata antes de um mito e de uma moda” (MERLEAU-PONTY, 1999, pg. 2). Esclarece, ainda, o autor, que, se

assim o é, nos “restaria compreender o prestígio desse mito e a origem dessa moda...” em suas palavras, Merleau-Ponty (1999, pg. 2) afirma que “a fenomenologia se deixa praticar [...] como maneira ou como estilo; ela existe como movimento...”.

O autor enfatiza que o grande mal-entendido dos dissidentes de Husserl, seus intérpretes e finalmente, dele para consigo mesmo, repousa no método fenomenológico proposto e perseguido vigorosamente por ele. Este método traz implicações de cunho existencial que ocupa um lugar, segundo Merleau-Ponty (1999), tanto inédito quanto importante nas suas obras, a saber: a célebre redução fenomenológica. A dificuldade provém do fato, a princípio paradoxal, de que para ver o mundo e apreendê-lo, é necessário romper nossa familiaridade com ele. Contudo, por outro lado, o maior ensinamento da redução proposta por Husserl, é, justamente, a impossibilidade de uma redução completa. Em toda sua obra Husserl se interroga sobre a possibilidade da redução e conclui nas palavras de Merleau-Ponty (1999, pg. 10) que “se fôssemos o espírito absoluto, a redução não seria problemática.”

Ao referir-se ao apregoado “*cogito*” de Descartes, Merleau-Ponty (1999), faz uma referência privilegiada. Lembra-nos de que esta visão desvalorizava a percepção de um outro e vai além, ao questionar a filosofia que não se completa com o retorno ao Eu, acenando-nos que esta mera reflexão traz a descoberto, não apenas “minha presença a mim mesmo mas também a possibilidade de um espectador estrangeiro.”(MERLEAU-PONTY, 1999, pg. 8). Continua dizendo, que “a essência” de Husserl, é um meio e não um fim em si mesma, trazendo consigo todas as “relações vivas” da experiência, “assim como a rede traz do fundo do mar os peixes e as algas palpitantes.”(MERLEAU-PONTY, 1999, pg. 12). O autor traz para debate, a noção fenomenológica que é não o “ser puro”, mas o sentido que transparece na intersecção da experiência singular, bem como na intersecção da experiência singular com aquela dos outros; determina que o ser seja, portanto, inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam sua unidade na retomada das experiências passadas em experiências presentes e da experiência do outro na minha. Esclarece que pela primeira vez, o filósofo tenta pensar o mundo, o outro e a si mesmo, e conceber suas relações.

Tais concepções, embora numa temática diferente e escritas em tempo e lugares diferentes, encontra proximidade direta em Martin Buber, quando este introduz a noção do inter-humano. Torna-se, contudo, lícito, recorrer a Buber, uma vez que sua proposta amplia consideravelmente a discussão dos desafios da relação terapêutica, de tal forma que termina por direcioná-la. As

contribuições de Buber se localizam, como apontam Polster e Polster no preâmbulo do livro “Relação e cura em Gestalt-terapia” (HYCNER e JACOBS, 1997), na terceira geração de Gestalt-terapeutas, que, dentre seus representantes, destacam-se Hycner e Jacobs. Segundo Hycner (1995), Buber sentiu a ênfase tecnocrática da sociedade no colapso do relacionamento da civilização moderna. Ele acreditava que o valor excessivo no individual criava uma ruptura entre as pessoas, tanto quanto no relacionamento com a natureza e também dentro da própria psique.

A grande e decisiva contribuição de Buber, segundo Zuben (2001), filósofo, tradutor e estudioso das obras de Buber, especialmente na sua obra “Eu e Tu”, é, sobretudo, por sua filosofia representar uma ontologia da relação. Para Buber (2001), é através da palavra proferida que o homem se introduz na existência, ela seria um ato do homem mediante o qual ele se faz homem e se situa no mundo com os outros. A palavra, enquanto dialogicidade para Buber (2007), adquire um caráter de “portadora de ser”, mais do que uma estrutura lógica, portanto semântica e uma análise objetiva, e enquanto tal, é o lugar onde o ser se instaura como revelação. Buber (2001), segundo Zuben (2001, pg. 30), estabelece que o diálogo é “desvendar o sentido existencial da palavra.”

Identifica-se em Buber, como afirma Saturnino (2010), um paradigma de psicoterapia promulgada no encontro. Tal concepção se pronuncia em duas premissas básicas e inseparáveis, sendo elas: a da etiologia relacional das afecções propriamente psíquicas e a da força humana em restaurar a sua vida dialógica enquanto condição para saúde. O autor esclarece-nos que Buber parte do pressuposto de que a mente jamais adoce sozinha, o que torna subjacente um problema de relacionamento, uma situação de falta de uma relação dialógica entre ela e o outro, justificando o esforço do terapeuta por romper o que Buber denomina como “encasulamento”, que caracteriza todas as afecções psíquicas. Este fechamento deve ser superado totalmente, visando a transformação e cura pela relação. Torna-se claro, contudo, que o conceito de cura como proposto por Buber (2007), seria o restabelecimento da capacidade humana de se relacionar, em última instância a restauração da vida dialógica ou, como afirma Friedman (1976, *apud* HYCNER, 1997, pg. 92), “a cura envolve a retomada do diálogo em sua existência diária e concreta.”

Falar, simplesmente, ainda que seja sincero, não garante e não é suficiente para caracterizar o diálogo. A noção de diálogo calcada em Buber (2007) é um falar-ao-outro, e não um falar para o outro. Evoca o face-a-face, cujo diálogo se instaura na mutualidade. Para ele, se a mutualidade é conseguida, “o inter-humano desabrocha na conversação genuína” (BUBER, 2007, pg.148). Buber (1965, *apud* HYCNER, 1997, PG. 49) deixa claro que o objetivo dialógico, ainda que seja

primordial na relação de cura terapêutica, encontra sua limitação “...no momento em que ele se fecha...”, esclarecendo que “Isso é verdadeiro, também, em relação ao que mais interessa : o diálogo humano efetivo”(BUBER, 2007, pg. 49). Nestes termos, Buber dá sua contribuição decisiva à psicoterapia, isto é, trazendo para a relação a natureza específica da mutualidade.

Quanto ao exercício da mutualidade, seu aprofundamento torna-se necessário, na medida em que aponta-nos como, se não o maior, um dos grandes entraves ao exercício da psicoterapia e, finalmente, como um, dentre tantos outros, maiores desafios neste processo. Buber não ignora este dilema, uma vez que se refere à psicoterapia como sendo “a profissão em particular que está aqui em questão é a mais paradoxal de todas” (BUBER, 1957, *apud* HYCNER, 1995, pg.36). O cerne da questão é o de que a mutualidade deve ser próxima e concomitantemente distanciada e nos ditos de Buber conclui-se que “curar, assim como educar, exige estar contíguo e, mesmo assim, sem troca ou transferência de lugar” (BUBER, 1999, *apud* SATURNINO, 2010, pg.18).

Amatuzzi (1989) nos auxilia no exame de algumas destas limitações preconizadas por Buber, ao destacar que o diálogo pleno não ocorre na situação terapêutica. Isso torna-se claro, por ser uma situação específica na qual existe uma diferenciação de papéis por aquilo mesmo que as define. Em outras palavras, a desigualdade de posições torna-se incompatível com a mutualidade plena e se isso fosse possível já não seria terapia, mas diálogo pleno entre iguais. A psicoterapia é socialmente institucionalizada, o que caracteriza uma situação específica. Numa relação terapêutica, o objetivo se volta para uma das pessoas, o que significa dizer, na descrição de Buber, segundo Hycner (1997), de uma “inclusão unilateral”. Contudo, a plenitude da relação humana só se dá na medida em que ela se aproxima da mutualidade.

Lembra-nos Amatuzzi (1989) que Buber preocupa-se com a plenitude da relação humana e não com a plenitude da relação terapêutica, sendo esta, a preocupação central em Rogers. Buber, deixa em evidência tanto as limitações que uma situação específica requer, quanto a possibilidade de uma relação mais profunda e, portanto, curativa. É certo que a filosofia dialógica de Buber (2007) nos coloca diante de um impasse e, ainda assim, Amatuzzi (1989, pg. 60), em suas conclusões, destaca que “quanto mais profunda for uma terapia, tanto maior o alcance humano que ela poderá atingir.” Trata-se, portanto, como diz Hycner (1995, pg. 32) “de uma profissão paradoxal e eivada de perplexidades.”

Para fins próximos, é importante salientar que Ribeiro (1998) ressalta a incompreensão que tem levado a práticas errôneas e contraditórias, dentro da própria abordagem da Gestalt-terapia. O

autor acredita que isso se evidencia mediante a resistência tanto de seus dissidentes, quanto de seus adeptos e vai além ao sugerir, não só a dificuldade da vivência de um novo paradigma propugnado pelo modelo fenomenológico, como de estabelecer contato com as feridas pessoais de cada um. Retoma, para melhor debate, as idéias de Miller (1997; 2004), que traz à tona em suas obras, a criança maltratada, subjacente na pessoa do adulto psicoterapeuta.

Nos últimos anos, segundo Hycner (1995), as dificuldades enfrentadas pela pessoa do terapeuta, tem sido discutidas sob a rubrica de “o curador ferido¹”, o que significa dizer que é a natureza não resolvida de suas próprias feridas que sensibiliza o terapeuta para a vulnerabilidade do outro. Seria precisamente esta, a condição que lhe permitiria empatizar profundamente com as dificuldades do cliente. Contudo, ressalta a necessidade de discernimento por parte do terapeuta, uma vez que o excesso de feridas fecha as portas para um encontro genuíno, mas afirma que sem dúvida o “curador ferido” cura, desde que lute incessantemente para que suas feridas não virem figura e foco em detrimento de quem procura ajuda.

A psicoterapia, descrita nos moldes acima, afirma-se como uma profissão inegavelmente repleta de paradoxos, cuja exigência da pessoa do terapeuta deve estar pautada em um nível de equilíbrio constante. O terapeuta é aquele que deve compreender, abarcar, acercar-se da experiência do cliente e, concomitantemente, ser capaz de estar em contato com sua própria experiência. Além disso, o terapeuta precisa estar constantemente, segundo Hycner (1995, pg. 30), naquela região de penumbra, precisa estar precariamente equilibrado entre o consciente e o inconsciente, concluindo, que o exercício da psicoterapia é uma profissão paradoxal porque “a pessoa do terapeuta está sendo incessantemente forçada a lutar com suas fragilidades e com seus pontos cego.” Dessa forma, o terapeuta iniciante se depara com questões cruciais que fazem parte, de forma inerente, da própria profissão escolhida.

Ribeiro (1998, pg. 86) nos lembra de que “ não estamos aprendendo apenas uma teoria e muito menos uma técnica: estamos diante de uma forma diferente de existir e de encarar nós mesmos, os outros e o mundo; coisa muito difícil, dolorosa e demorada porque nos desestabiliza existencialmente, desestruturando os nossos equilíbrios e ajustes racionais e afetivos.” Continuando, encontramos definição semelhante em Hycner (1995, pg. 38), quando diz que nenhum método pode “ensinar ao terapeuta como ser uma pessoa capaz de incorporar as qualidades relacionais necessárias

1 Curador ferido- termo utilizado com frequência pelos gestalt-terapeutas e que faz referência a mitologia grega sob o título “Quíron, O Curador Ferido”.

para que ocorra uma cura existencial genuína.”

Diante do exposto até aqui, torna-se de fundamental importância explorar esse campo vasto e complexo da relação no processo de psicoterapia em conformidade com a proposta do método fenomenológico e se esses desafios acometem os mais experientes profissionais da área, a pergunta seguinte seria: como será na vivência do aprendiz, ou seja, do candidato a futuro psicoterapeuta? Dessa forma, foi possível encontrar na abordagem da Gestalt-Terapia a possibilidade da vivência, cuja pessoa do terapeuta iniciante pudesse integrar o saber, o perceber e o sentir numa relação terapêutica genuína, visando, de igual modo, o processo terapêutico do próprio cliente.

Finalizando e em outras palavras, Canello (1991, pg. 17) confirma a torrente de emoções que acometem os iniciantes, ao esclarecer-nos que “em sua própria terapia e supervisão, o aprendiz é imerso em todo um clima emocional, pois só desse modo poderá fazer um prolongado exame de suas capacidades e possibilidades humanas.” Assim, o presente trabalho, tem por finalidade compreender, mediante um caso clínico, as possibilidades da relação terapêutica, na proposta teórica e prática do referido trabalho e seus consequentes desafios na vivência do terapeuta.

MÉTODO PARTICIPANTE

Participou do estudo de caso um cliente atendido pela terapeuta-estagiária na Clínica Vida, instância subordinada ao Centro de Estudos, Pesquisas e Práticas Psicológicas (CEPSI). Trata-se de um cliente do sexo masculino, de 57 anos de idade, divorciado. Sempre exercera profissão autônoma. Coursou até a sexta série do ensino fundamental. O nome José é fictício, no intuito de preservar sua identidade.

José procurou a Clínica Vida com queixas de extrema ansiedade e com o intuito de compreender e encontrar o seu “Eu”, em suas palavras. Recentemente diagnosticado e medicado por um médico psiquiatra, havia decidido parar de tomar medicação. Na primeira sessão realizada manifestou muita confusão e ansiedade, relatando suas desistências e dificuldades em terapias anteriores, essa seria sua terceira tentativa. Sua queixa central dizia respeito a sua agressividade incontrolável, transitando entre a culpa, a necessidade em expressá-la e a solidão. Afirmou buscar terapia na esperança de compreender e acalmar sua agressividade e consequentemente seus relacionamentos familiares.

Ambiente/Material

Para atendimento do cliente foi utilizado um dos consultórios da Clínica Vida, equipado com uma mesa, três cadeiras, duas poltronas, tapete, almofadas, ar condicionado, lenço de papel. Foram utilizados também, gravador digital, computador para transcrição, impressora, papel, caneta. O paciente, assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando o estudo dos dados obtidos durante as sessões.

Procedimento

Em fevereiro deste mesmo ano, 2011, José foi selecionado tendo como critérios o caráter de urgência destacado em seu prontuário. O primeiro contato foi realizado por telefone quando foi marcado dia e horário no turno matutino. Na primeira sessão foi realizado o contrato havendo esclarecimentos de horários, dias, tempo de duração das sessões e período da terapia. Pontuou-se também a função e condições da clínica escola, bem como o compromisso ético e o sigilo quanto a sua identificação. O cliente consentiu com as regras inerentes ao processo terapêutico realizado numa clínica escola e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a gravação das sessões e utilização das mesmas para acompanhamento da supervisora, apresentação e divulgação do trabalho. Em seguida, deu-se início às sessões psicoterápicas que ocorreram duas vezes semanalmente realizando-se ao todo 25 sessões. As sessões selecionadas na apresentação do trabalho tiveram como critério acompanhar a sequência e continuidade da relação que se estabelecia no processo psicoterápico. Privilegiou-se, essencialmente, momentos e falas onde percebia-se uma postura próxima a relação dialógica como na proposta do presente trabalho, evidenciando os desafios próprios que permeiam a relação terapêutica. As falas foram transcritas literalmente, designando-se E para a estagiária e C para o cliente.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Esta fase é dedicada à exposição da relação terapêutica estabelecida entre cliente e estagiária no decorrer das sessões, uma vez que considera-se o “entre” a categoria, ontológica primordial, o elemento do inter-humano de todo o processo da relação, conforme assinala Buber (2001, 2007). Para tanto utilizar-se-á de alguns fragmentos de falas e intervenções, no intuito de tecer algumas considerações.

Primeira sessão

Neste primeiro dia, ambos, cliente e estagiária encontravam-se ansiosos. O cliente falava sob forte emoção e foi possível perceber seus olhos banhados em lágrimas, denunciando uma dor íntima e silenciosa, cuja fala encerra um pedido genuíno de auxílio.

C: Não quero tomar remédio, me faz mal.... quero buscar o meu Eu, entender porquê sou assim... ser o avô, o pai de família que eu nunca fui, pra ser um cidadão decente... não quero que os meus netos... cometam homicídio.

Contudo, é importante evidenciar que a aceitação verdadeira, só ocorreria se a relação terapêutica propiciasse um encontro, cuja pessoa de José pudesse ser aceito e confirmado, como um outro, no seu processo de vir a ser, conforme ressalta Oriente (manuscrito não publicado).

Terceira sessão

A descrição do fenômeno se torna imprescindível para ambos, terapeuta e cliente, visando a compreensão por parte dos envolvidos e favorecendo a vivência da experiência por parte do sujeito em terapia, tanto quanto seu processo de awareness².

O diálogo que se segue demonstra uma pequena parcela desse processo:

C: É muita tensão sabe, é tanta coisa que acontece que a gente perde o controle da situação... (silêncio)... antigamente, as vezes eu tava no paiol de rato (rsrsrsrsr)... (silêncio)... pegava um revólver e Pol, atirava.... (rsrsrsrsrs)... você entendeu? Meu avô me ensinou a atirar desde pequeno, eu atirava na ave voando... se você atirar no chão pega no galho e as vezes não mata.

E: E você aprendeu com seu avô?

C: É! com doze, treze anos eu já tinha comprado uma 32. Com quinze anos eu matei um cara, com uma 32. Assim... (breve silêncio)... por um lado eu aprendi tudo, menos o lado da ética.

2 Aware- termo derivado da palavra awareness e que não foi traduzido uma vez que a utilização desta palavra se tornou comum entre os profissionais de Gestalt. É um dos conceitos fundamentais da Gestalt-terapia. Segundo Yontef (1998), Awareness é o processo de estar em contato vigilante com o evento de maior importância no campo indivíduo/meio, com total suporte sensoriomotor, emocional, cognitivo e energético.

Contudo, todo esse processo pode se dar numa proposta dialógica. A noção de diálogo segundo Buber (2001), visa um falar-ao-outro, evocando o face-a-face. Nesse sentido, a mutualidade vai sendo buscada pouco a pouco exigindo durante todo o processo a suspensão de julgamentos e os *aprioris* por parte do psicoterapeuta segundo o método fenomenológico.

Mais a frente o cliente naturalmente mobilizado por suas lembranças demonstra culpa e vergonha, sendo em seguida confirmado como um outro no seu processo de vir-a-ser:

C: Eu passei por um psiquiatra na época... eu já tinha vários crimes e eu era muito desequilibrado... jogava o carro na frente e aí eu pegava o revólver... esperava de porta aberta esperando o cara vim... (rsrsrs)... eu atirava, sem dó nem piedade... o bonito é você ver o povo correr... (rsrsrs)... não sobra um... naquele tempo ninguém tinha arma, eu acabava com tanta festa, entendeu?!?... (silêncio, suspiro)... eu falo essas coisas mas me sinto mal... (em silêncio chorou)... (falou baixinho)... tenho tanta maldade que já fiz na minha vida, meu Deus do céu!.. (silêncio e choro)... eu não quero mais voltar a fazer isso... não é um padrão normal de vida de uma pessoa (falava chorando)...

E: Será que podia ter sido diferente?

C: Como?

E: Pelo que você já passou.

C: Se eu tivesse tido berço podia.

E: Se tivesse tido berço!

Em seguida, novamente demonstra um momento de Awareness:

C: Eu não tive berço... (suspirou, respirou)... meu avô achava bonito, até ele morrer, o meu jeito de ser e passou a achar bonito o meu jeito de viver e meu pai não me pois limite, sabe?!

Oitava sessão

Ribeiro (1998) ressalta a dificuldade em vivenciar a teoria e a prática numa relação genuína, conforme os preceitos filosóficos e teóricos da abordagem Gestáltica, isto é, sem preconceitos, na qual preconiza a aceitação e fé na pessoa.

E: Entendo e achei interessante a sua colocação. Quando o senhor diz que não é porquê o senhor errou que tem que se sujeitar. Importa é o que pode ser feito a partir de agora.

C: Ontem assisti uma cena de locomotiva e aquilo me remeteu muito ao meu passado. Eu já andei muito de maria fumaça. Eu via muita coisa... aquilo me revolveu muitas coisas, mas ao mesmo tempo me trouxe o seguinte: o meu futuro ele é hoje e o meu passado é também hoje e o futuro depende da presença do meu passado e do meu presente né!? Então quer dizer, esse momentinho aqui agora é o meu passado e o meu futuro, eu preciso administrar bem essas poucas horas que eu tenho, porque é o meu dia de 24 horas.

CONCLUSÃO

Nas palavras de Hycner “é o entre que precisa ser reconhecido. A objetivação não permite esse reconhecimento (HYCNER, 1995, pg. 39)”. Esse autor fundamentado em Buber reconhece que o entre é muito maior que a soma de ambas as partes, apontando-nos de que numa relação há a necessidade na fala de Buber(1957, *apud* HYCNER, 1995, pg. 39), “do encontro pessoal genuíno, entre aquele que precisa de ajuda e o que ajuda.”

Cardella (2002, pg. 93), assim como Canello (1991), referem-se ao terapeuta em formação como “aprendiz”, ressaltando que “o aprender é, também, uma abertura ao outro que nos transforma e nos faz, a partir de então, outros para nós mesmos.” Esta fala encerra um dos pressupostos básicos que sustentam a teoria gestáltica, sendo ela a concepção fenomenológica e existencial do conhecimento inacabado e do próprio processo de vir a ser.

Foi possível evidenciar, sobretudo no processo inicial, ansiedade por parte da terapeuta. Por outro lado, houve, também, a demanda das necessidades e ansiedade presentes no estado inicial da pessoa de José. É necessário destacar que nem sempre o aprendiz está *aware* da situação e preparado para confrontar as fragilidades e os pontos cegos que o outro suscita, como bem aponta Hycner (1995;1997). Para Cardella (2002, pg. 94) durante a formação de psicoterapeutas, “é importante que haja oportunidade para que o terapeuta iniciante seja mobilizado... sob pena de deixar a universidade sem aprender... a fazer uso de sua própria experiência...” Nestes termos, vale lembrar a observação de Canello (1991, pg. 17) quando aponta a importância da própria terapia pessoal e supervisão do aprendiz, auxiliando-o a “fazer um prolongado exame de suas capacidades e possibilidades humanas.”

Sendo assim, este trabalho se encerra na certeza de que sempre seremos aprendizes, do início ao fim, em formação e atuação terapêutica, uma vez que , segundo Zlotnic (1991, *apud* CARDELLA, 2002, pg. 86), “a Gestalt-terapia é um 'sendo', pois seu corpo teórico está em constante processo de refazer-se...” Provavelmente seja precisamente este o desafio, que dentre tantos outros desafios, possa ser destacado numa relação terapêutica, ou seja, a de que não possuímos a segurança do conhecimento expresso, pronto e acabado, mas “ a certeza do encontro que permanece não revelado... em cada lado, está o abismo. À frente, está o encontro. ” (BUBER, 1965, *apud* HYCNER, 1995, pg. 41).

Assim, a expressão “conhecimento tácito” denominada por Figueiredo (1993, *apud*

CARDELLA, 2002, pg. 91), esclarece com muita propriedade o que por vezes pode ser vivenciado pelos psicólogos e terapeutas, demonstrado que “ ... o conhecimento tácito do psicólogo é o seu saber de ofício, no qual as teorias estão impregnadas pela experiência pessoal e as estão impregnando numa mescla indissociável... é radicalmente pessoal... dificilmente comunicável.”

Finalmente, este estudo de caso, longe de encerrar e esgotar o tema em questão, o coloca em movimento, chamando a atenção nas palavras de Friedman (n.d. *apud* CARDELLA, 1994, pg. 64), para o benefício de uma relação genuína que pressupõe a confiança naquele que procura auxílio, constatadas nos seguintes termos:

... a confiança e a esperança não contribuem para a cura, mais exatamente, são elas próprias a indicação de que uma cura... foi posta em movimento... a confiança existencial de uma pessoa em uma outra tem representação específica no domínio da cura... sem essa confiança, nem mesmo os mestres em método podem efetuar cura existencial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMATUZZI, M. M. (1989). O resgate da fala autêntica. Campinas: Papirus.
- BUBER, M. (2001). Eu e Tu. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro.
- _____. (2007). Do Diálogo e do Dialógico. São Paulo: perspectiva.
- CANCELLO, L. A. G. (1991). O fio das palavras: um estudo de psicoterapia existencial. São Paulo: Summus.
- CARDELLA, B. H. P. (2002). A construção de psicoterapeuta: uma abordagem gestáltica. São Paulo: Summus.
- _____. (1994). O Amor na Relação Terapêutica- uma visão gestáltica. São Paulo: Summus
- HYCNER, R. (1995). De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica. São Paulo: summus.
- HYCNER, R. & Jacobs, L.(1997). Relação e cura em Gestal- terapia. São Paulo: Summus
- MERLEAU-PONTY, M. (1999). Fenomenologia da percepção. Paris: Gallimard.
- MILLER, A. (1997). O drama de criança bem dotada. São Paulo: Summus
- _____.(2004). A verdade liberta. São Paulo: Martins Fontes.
- ORIONTE, I. (2010). Transgressão e invisibilidade: o outro no desenvolvimento humano. Manuscrito não publicado.
- PERLS, F. e HEFFERLINE, R. e GOODMAN, P. (1997). Gestalt-Terapia. São Paulo: Summus.
- RIBEIRO, W. (1998). Existência e Essência: desafios teóricos e práticos das psicoterapias relacionais. São Paulo: summus
- SATURNINO, P. R. (2010). A psicoterapia Dialógica de Martin Buber. Revista Psico, 41, 534-541.
- YONTEF, G. M. (1998). Processo, Diálogo e Awareness- Ensaio Em Gestalt-Terapia. São Paulo: Summus